

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

**IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19  
NOS CRIMES DE INCITAMENTO  
AO ÓDIO E À VIOLÊNCIA  
E NO DISCURSO DE ÓDIO**



# Índice

---

**2** **Introdução**

**5** **Projectos**

- 6** O género nas pandemias de ódio: media sociais, Covid-19 e as mulheres jornalistas
  - 7** HATE COVID-19.PT - Detecting overt and covert hate speech in Social Media
  - 8** Racismo e Xenofobia em Portugal: a normalização dos discursos de ódio no espaço público da internet
  - 9** EducHate: An educational approach to detect, combat and prevent online hate speech
  - 10** SocialHaterS - Discursos de ódio durante a Covid-19: prevalência, dinâmicas e padrões entre jovens
  - 11** Crimes de ódio ideologicamente inspirados: Narrativas de vítimas e enviesamentos cognitivos inconscientes no sistema de justiça criminal
-

# Introdução

---

A Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), em articulação com a Secretaria de Estado para a Cidadania e a Igualdade, e com o apoio do Alto Comissariado Para as Migrações, IP (ACM) ) e a Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), no contexto da pandemia de SARS-CoV-2 e alarme social que se viveu, atribuiu um apoio especial a projetos e iniciativas que permitam a produção e difusão de conhecimento e a investigação-ação relativamente aos crimes de incitamento ao ódio e à violência e à expressão dos discursos de ódio na sequência da pandemia e divulgação dos seus impactos em grupos mais vulneráveis da população.

Vários organismos europeus e internacionais recomendam o reforço do conhecimento compreensivo dos crimes de incitamento ao ódio e à violência de caráter racista, xenófobo, de género e homofóbico, alertando, também, para os baixos índices de denúncia e participação. Estas preocupações viram-se amplificadas perante os efeitos desproporcionais em certas comunidades e grupos vulneráveis da expansão de práticas de discriminação e discursos de ódio durante a pandemia da COVID-19, conducentes à segmentação, maior insegurança, exclusão social, isolamento e estigmatização desses grupos, impedindo até o seu acesso a direitos e serviços vitais (de saúde, laborais, etc) e promovendo a escalada de comportamentos violentos e de criminalidade (ILGA Europe, 2020; ONU, 2020). Profissionais de saúde, jornalistas, trabalhadores humanitários e de serviços essenciais foram também vítimas de formas diversas de desinformação e segregação motivadas por notícias falsas (ONU, 2020).

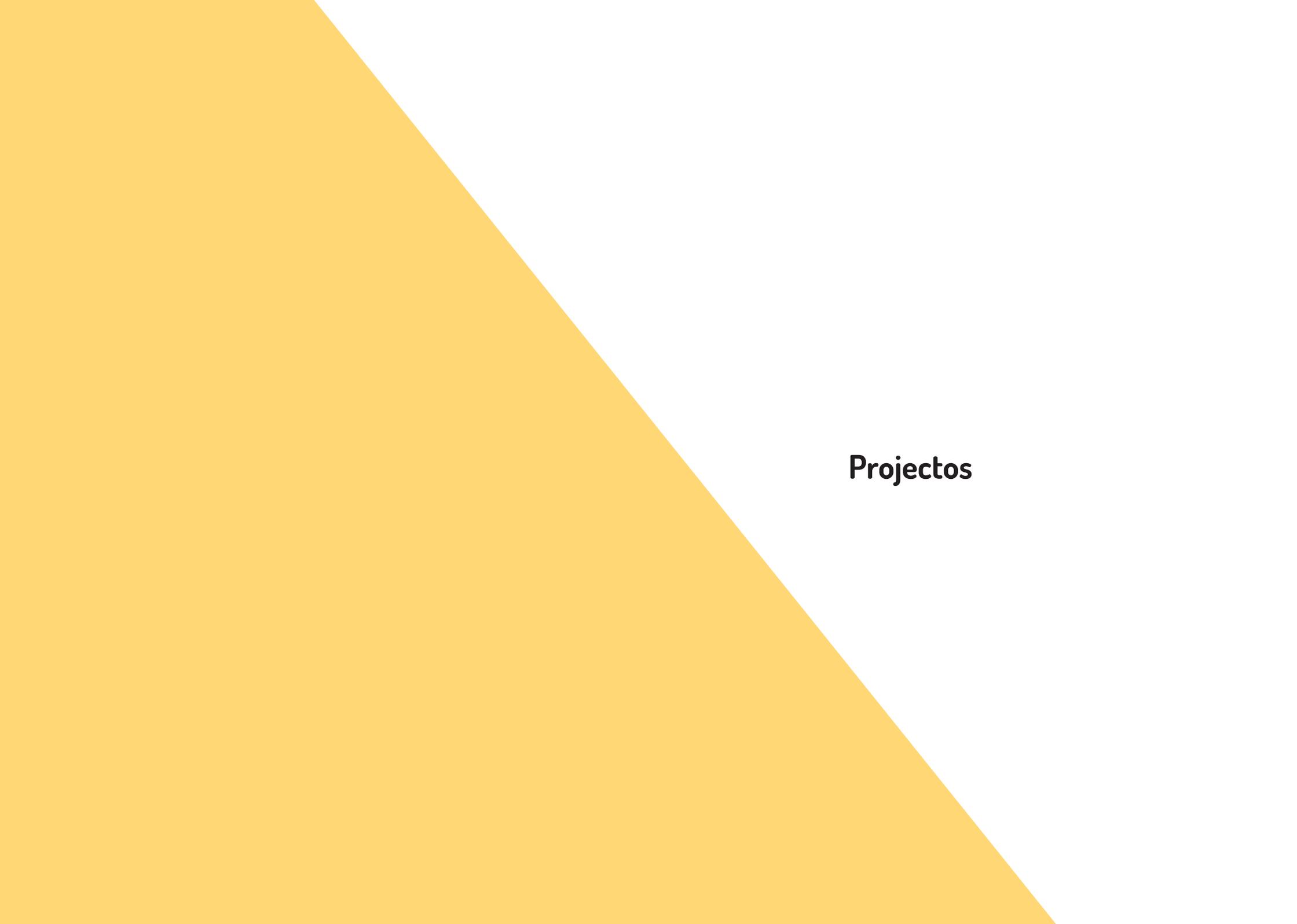
A ONU recomenda que se reconheça, acompanhe, recolha informação e analise tendências acerca dos discursos de ódio relacionados com a COVID-19, a nível nacional e global, de forma a suportar respostas efetivas, e que os atores relevantes – Estados, média, plataformas digitais e organizações da sociedade civil – desenvolvam estratégias para identificar, analisar e contrariar o discurso de ódio, apoiando sistemas de análise transparentes, acessíveis e independentes (UN Guidance Note on Addressing and Countering COVID-19 related Hate Speech, maio 2020). Também a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa insta os estados-membros a que desenvolvam sistemas robustos de estudo e de análise compreensiva de dados sobre “crimes de ódio”, como primeiro passo para combater este crime e apoiar as vítimas.

Responder a estas recomendações e preocupações é o objetivo central deste apoio especial. Os projetos financiados devem, pois, contribuir para um melhor conhecimento e intervenção no que se refere aos crimes de incitamento ao ódio e à violência e ao discurso de ódio em Portugal, apresentando soluções inovadoras e eficazes para a melhoria das respostas e das políticas.

Foram aceites propostas nas seguintes linhas de investigação:

1. Discursos de ódio racistas, xenófobos, de género, homofóbicos, entre outros, na internet, incluindo respetivos padrões e dinâmicas, evolução e tendências das narrativas, padrões de propagação e impactos, antes, durante a após a COVID-19.
2. Exposição de jovens e crianças a discurso de ódio e a cyberbullying em comunidades e grupos online, incluindo padrões e dinâmicas desses fenómenos particularmente dirigidos a crianças e jovens, evolução e tendências das narrativas, padrões de propagação e impactos, antes, durante e após a COVID-19.
3. Enquadramento legal do crime de incitamento ao ódio e à violência e do discurso de ódio à luz das recomendações de organizações internacionais como o Conselho da Europa.

Este apoio especial contou com uma dotação orçamental de 200 mil euros e financiou 6 projetos. São esses projetos que se apresentam nesta brochura.



**Proyectos**

## O género nas pandemias de ódio: media sociais, Covid-19 e as mulheres jornalistas

---

|                          |   |
|--------------------------|---|
| INVESTIGADOR RESPONSÁVEL | Maria João Rosa Cruz Silveirinha                        |
| INSTITUIÇÃO PROPONENTE   | Instituto de Comunicação da Universidade Nova de Lisboa |
| FINANCIAMENTO            | € 35 901  |

---

Os resultados do projeto centraram-se na crescente hostilidade contra os/as jornalistas, agravada pelo ambiente digital e pela falta de confiança nos mecanismos de proteção das suas e dos seus profissionais. A pandemia foi um momento de maior expressão de discurso de ódio e de assédio, mas os/as jornalistas identificaram o problema como anterior e posterior ao período.

No inquérito realizado, pelo projeto quase metade dos/as jornalistas inquiridos/as relataram ter sofrido violência online, assédio e/ou assédio sexual, incluindo ameaças de violação, sem diferenças significativas de género nas frequências desses casos relatados. São patentes sentimentos de resignação em relação à violência online, vista como intrínseca ao trabalho ou demonstrando um sentimento de relativa não-importância dos ataques. Dada essa normalização, os/as jornalistas podem não relatar as suas experiências, ainda que reconheçam um ambiente geral de hostilidade em relação ao seu trabalho, em particular durante a pandemia. No entanto, tanto homens quanto mulheres tendem a concordar que o assédio afeta mais as mulheres jornalistas. Essa percepção marcou a necessidade de analisar as percepções sobre ataques específicos de género, sendo que os dados qualitativos recolhidos nas entrevistas a mulheres nos permitiram reunir elementos mais detalhados sobre as nuances do problema. Para as mulheres jornalistas entrevistadas, o assédio online acrescenta camadas de complexidade que afetam a sua própria condição de género como mulheres. No entanto, as suas percepções e interpretações do assédio online situam-se num continuum entre a afirmação da sua identidade profissional e a percepção do seu estatuto de mulheres. A forma como entendem a relação entre esses dois aspetos determina, pelo menos em parte, a compreensão do assédio online. Conclui-se, por isso, que o assédio online contra as mulheres jornalistas em particular pode ser visto como uma manifestação empírica de uma estrutura de hostilidade que, no seu caso, é suportada por questões histórico-culturais de intolerância e misoginia, bem como por falta de proteção efetiva de segurança.

Os resultados lançam luz sobre o impacto do género no assédio e corroboram os resultados de inúmeras pesquisas internacionais. Apesar das suas limitações, este foi um estudo pioneiro sobre o assédio online de jornalistas nacionais, oferecendo tendências sobre este fenómeno.

## HATE COVID-19.PT - Detecting overt and covert hate speech in Social Media

---

|                          |   |
|--------------------------|---|
| INVESTIGADOR RESPONSÁVEL | Paula Cristina Quaresma da Fonseca Carvalho   |
| INSTITUIÇÃO PROPONENTE   | Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Investigação e Desenvolvimento em Lisboa - INESC ID |
| FINANCIAMENTO            | € 35 892  |

---

No âmbito deste projeto, investigamos a prevalência e materialização linguístico-discursiva do discurso de ódio (DO) online no contexto português, antes e durante a pandemia Covid-19, tendo como foco as comunidades afrodescendente, roma e LGBTQ+. A investigação baseou-se nos corpora FIGHT e CO-HATE, construídos para este fim, os quais incluem 63.450 comentários do Twitter e 20.590 comentários do YouTube, respetivamente.

A análise do corpus FIGHT mostra que é precipitada qualquer tentativa de associação entre o crescimento do DO nas redes sociais e o contexto pandémico, especificamente no que se refere às comunidades estudadas. Em concreto, os dados sugerem que os picos mais elevados de mensagens potencialmente ofensivas e de ódio estão intimamente relacionados com eventos com impacto mediático nos grupos-alvo, como é o caso dos crimes de ódio cometidos contra George Floyd ou Bruno Candé.

A análise do corpus CO-HATE, anotado com base em diretrizes desenvolvidas pela equipa do projeto, revela que a comunidade roma é a mais visada em termos de DO e que a comunidade afrodescendente é a que acolhe a maior percentagem de comentários classificados como muito negativos, reforçando a ideia de que a discriminação racial continua a ter forte expressão em Portugal. Por sua vez, as contranarrativas (isto é, respostas ao DO com vista à sua desconstrução ou combate) são mais prevalentes nos comentários dirigidos à comunidade afrodescendente, sugerindo que a mesma tem um papel mais ativo nas redes sociais e/ou é mais apoiada por parte dos utilizadores. Embora a comunidade LGBTQ+ tenha vindo a ser reportada como um dos principais alvos de DO no contexto europeu, no CO-HATE, este grupo-alvo é proporcionalmente o menos visado.

Os resultados da investigação mostram ainda que o DO indireto (implícito ou encoberto) é mais frequente do que o DO direto (ou explícito), sendo frequentemente materializado através do recurso a diversos mecanismos retóricos, como a ironia, o sarcasmo ou o humor. Este fenómeno está recorrentemente ancorado em estratégias de argumentação superficial e falaciosa, incluindo o apelo ao medo e o apelo à ação, nomeadamente através da invocação de entidades políticas associadas à ideologia populista de extrema-direita.

De acordo com a análise dos resultados de um estudo com grupos focais, conduzido na fase inicial do projeto, o DO indireto é, na perspetiva dos grupos-alvo, tão ou mais nocivo do que o DO direto, contribuindo para a normalização e perpetuação dos estereótipos associados a estes grupos, o que torna imperativo a sua identificação.

As experiências preliminares levadas a cabo no âmbito da deteção automática de DO apresentam resultados promissores, revelando a importância de abordar o fenómeno numa perspetiva integrada (isto é, com recurso a modelos de linguagem multitarefa) e que tenha em conta as especificidades dos grupos-alvo.

Para mais informação, consultar: [hate-covid.inesc-id.pt](https://hate-covid.inesc-id.pt)

## Racismo e Xenofobia em Portugal: a normalização dos discursos de ódio no espaço público da internet

---

|                          |   |
|--------------------------|---|
| INVESTIGADOR RESPONSÁVEL | Fernando José Mendes Rosas                            |
| INSTITUIÇÃO PROPONENTE   | Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) |
| FINANCIAMENTO            | € 24 813  |

---

Este projeto visa monitorizar, analisar e caracterizar os discursos de ódio racial no espaço digital português. A metodologia seguida assenta na análise crítica dos discursos que se produzem nas redes sociais Facebook e Twitter, estabelecendo uma análise comparativa entre o período pré-pandémico e pandémico. Partindo de uma linha teórica que concebe o racismo enquanto sistema de poder, historicamente construído, mostra-se que a pandemia não alterou o quadro ideológico dominante. Assim, é o carácter estrutural do racismo que criou condições para a banalização do ódio, pelo que somente a partir de uma conceptualização teórica, que problematize o passado colonial português e as suas continuidades contemporâneas, é possível compreender a natureza destes discursos. Apesar disso, a sua normalização também se deve, em parte, ao recente contexto político internacional, que criou condições favoráveis para a disseminação do ódio.

A análise dos dados recolhidos mostra que os discursos de ódio têm como alvos grupos historicamente marginalizados, em especial a população negra, cigana e imigrante/refugiada. População Afrodescendente

A violência discursiva contra pessoas negras revela a perpetuação da ideologia colonial. Os discursos analisados apresentam as seguintes particularidades: a) agressividade extrema dirigida aos/às ativistas antirracistas; b) vitimização de quem produz o ódio, numa inversão do ónus, comumente apelidado de racismo inverso; c) legitimação da violência policial; d) dicotomia 'civilizado' versus 'primitivo' como justificação para as agressões verbais e consequente exclusão de pessoas negras do imaginário nacional.

Comunidade Cigana

A pesquisa deparou-se igualmente com um profundo anticiganismo. Estes discursos, perfeitamente banalizados na internet, são construídos a partir dos seguintes eixos: a) pretensa incompatibilidade cultural e civilizacional entre esta comunidade e a sociedade maioritária; b) culpabilização da população cigana pelos episódios racistas reportados pelos media; c) apoio às pretensões de confinamento destas comunidades; d) prevalência do 'racismo inverso'. Imigrantes e Refugiados

Outros dos principais alvos de discursos de ódio racial são as pessoas imigrantes e refugiadas oriundas do continente africano. Percebidas como 'muçulmanas', os discursos recolhidos revelam a existência um quadro ideológico marcado por uma islamofobia altamente enraizada. As narrativas contra estas populações apresentam as seguintes características: a) islamofobia abertamente declarada; b) choque de civilizações, ou seja, incompatibilidade entre o 'ocidente' e o 'islão'; c) perigo iminente de 'islamização' das sociedades europeias; d) relação íntima entre refugiados e terrorismo; e) recusa em acolher estas populações.

## EducHate: An educational approach to detect, combat and prevent online hate speech

---

|                          |   |
|--------------------------|---|
| INVESTIGADOR RESPONSÁVEL | Isabel Rocha Pinto  |
| INSTITUIÇÃO PROPONENTE   | Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto |
| FINANCIAMENTO            | € 35 996  |

---

O projeto EducHate interveio em contextos educativos com o objetivo de aumentar a autoconsciência e a autorregulação moral dos atores destes contextos, no sentido de detetar e combater o discurso de ódio online através do desenvolvimento de habilidades individuais (empatia, autorregulação moral) e sociais (responsabilidade social e cívica), fundamentais para o compromisso no combate ao discurso de ódio e para o apoio no desenvolvimento de contextos sociais anti-ódio. Adicionalmente, este projeto procurou contribuir para medidas de responsabilização institucional, no sentido de ajudar instituições educativas a criar mecanismos de deteção e de controlo de discurso de ódio.

Particularmente no contexto universitário, o EducHate formou um grupo de estudantes voluntários que se constituíram como embaixadores contra o ódio, auxiliando no desenvolvimento das atividades do projeto e criando campanhas de sensibilização que foram disseminadas no contexto universitário. Adicionalmente, o projeto dinamizou duas mesas redondas, nas quais participaram mais de 100 estudantes, docentes e investigadores, para discutir temáticas como discriminação, discurso de ódio, os contornos do online e liberdade de expressão. Simultaneamente, o EducHate inspirou a conceptualização de uma estrutura para um observatório para a inclusão na Universidade do Porto (projeto abraçado pela universidade) tendo sido já realizado um primeiro mapeamento de fenómenos de discurso de ódio e de discriminação na Universidade do Porto. Deste mapeamento foram contabilizados 77 reportes de vítimas de discurso de ódio.

No contexto escolar, foi ministrada formação a 25 profissionais de um Agrupamento de escolas, e implementado um programa de intervenção na tomada de consciencialização sobre o discurso de ódio, em turmas do quinto ao oitavo ano, contando com mais de 80 crianças/ adolescentes. Foi, ainda, realizado um manual pedagógico da intervenção que, descrevendo passo-a-passo as atividades desenvolvidas no Agrupamento, possibilita que o projeto seja, não só, mantido autonomamente no próprio Agrupamento, mas também desenvolvido noutras escolas. Desta forma, foi possível dotar a comunidade escolar de ferramentas para identificar, prevenir e intervir em situações de discriminação e discurso de ódio. Finalmente, foram desenvolvidas campanhas de sensibilização para o fenómeno nas redes sociais e um website onde se podem encontrar diversos recursos úteis e eficazes para se trabalharem estas questões em contexto escolar e universitário.

## SocialHaterS – Discursos de ódio durante a Covid-19: prevalência, dinâmicas e padrões entre jovens

|                          |   |
|--------------------------|---|
| INVESTIGADOR RESPONSÁVEL | Maria José Magalhães                            |
| INSTITUIÇÃO PROPONENTE   | UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta |
| FINANCIAMENTO            | € 35 640  |

O projeto SocialHaterS – Discursos de ódio durante a Covid-19: prevalência, dinâmicas e padrões entre jovens foi um projeto de âmbito internacional que decorreu entre abril 2021 e maio 2022. A UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta, em parceria com a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), a Universidade da Maia (ISMAI), o Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG/ISCSP-ULisboa) e a Fondazione Pangea Onlus (Itália) foram as entidades responsáveis pela implementação do projeto SocialHaterS. O Projeto foi coordenado pela Professora Doutora Maria José Magalhães e a equipa portuguesa composta pelas investigadoras Cátia Pontedeira, Margarida Pacheco, Camila Iglesias e Olga Souza Cruz. O SocialHaterS contou também com a colaboração científica de investigadoras das entidades parceiras e das investigadoras italianas Simona Lanzoni, Manuela Campitelli e Martina Daelli e da investigadora espanhola Alejandra Pastrana Sánchez.

O Projeto teve como objetivo central contribuir para o maior conhecimento sobre as manifestações de ódio entre e por jovens nas redes sociais na Europa, com um foco especial em Portugal. O plano de trabalhos envolveu uma série de etapas, desde a recolha e análise de dados quantitativos e qualitativos sobre o público de interesse – jovens com idades compreendidas entre os 17 e 21 anos de idade –, à produção de materiais para publicação (ebook, infografia, guia de boas práticas), realização de reuniões e eventos internacionais, elaboração de campanha internacional, e formação de profissionais. Através da recolha de dados realizada por meio de um questionário, respondido por 505 jovens com média de 19 anos de idade, verificou-se que 91% dos/as jovens já viu ou leu algum tipo de discurso de ódio nas redes sociais durante a pandemia, sendo que 22% mencionaram já terem experienciado esta forma de violência nas redes sociais em algum momento da sua vida. Em mais da metade dos casos (59%) estes discursos de ódio foram experienciados durante a pandemia. Muitos/as destes/as jovens não reportaram as situações vivenciadas por medo, vergonha ou por sentirem que este era um assunto íntimo e pessoal. Os dados também revelaram que as consequências destas experiências na vida dos/as jovens evidenciam-se através de sentimentos de tristeza, raiva, indignação e vergonha. Para saber mais sobre os resultados e materiais poderão consultar o site oficial do projeto: <http://socialhaters.umarfeminismos.org/>

## Crimes de ódio ideologicamente inspirados: Narrativas de vítimas e enviesamentos cognitivos inconscientes no sistema de justiça criminal

|                          |   |
|--------------------------|---|
| INVESTIGADOR RESPONSÁVEL | Raquel Bezeza Pereira da Silva          |
| INSTITUIÇÃO PROPONENTE   | Iscte-Instituto Universitário de Lisboa |
| FINANCIAMENTO            | € 31 459                                |

Este projeto foi desenvolvido por investigadoras do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa e da Universidade de Aveiro e teve como objetivo central aprofundar o conhecimento acerca do fenómeno de crimes de ódio em Portugal, que representam uma ameaça direta aos direitos humanos, à paz e à segurança. Deste modo, foi estudado o contexto do sistema de justiça criminal português, com foco em dados recolhidos no seio das forças de segurança, bem como as narrativas dos media e da sociedade civil antirracista. Foi explorado um fenómeno crescente a nível mundial, e em Portugal, que tem sido apontado como precursor do fenómeno em análise – a polarização ideológica. Foram ainda realizados grupos focais com vários grupos da sociedade portuguesa envolvidos, direta ou indiretamente, com questões relacionadas a crimes de ódio, incluindo juristas, forças de segurança, estudantes, académicos, e organizações governamentais e não governamentais.

Neste sentido, no âmbito deste projeto, foram realizados seis estudos:

1. Viés racial nas forças de segurança em Portugal: Um estudo de caso da Guarda Nacional Republicana (GNR)
2. Narrativas dos media sobre discursos e crimes de ódio em Portugal
3. A sociedade civil antirracista em Portugal
4. Polarização ideológica em Portugal: Um estudo sobre discursos parlamentares polarizados
5. Índice de Polarização do Discurso – Análise de discursos políticos top-down e ground-up em Portugal
6. A polarização política nas elites portuguesas: uma análise crítica de discursos online

---

**EDIÇÃO**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
[www.fct.pt](http://www.fct.pt)

**DIREITOS RESERVADOS**

Os textos desta publicação foram editados pela FCT, com base nos originais fornecidos por cada investigador responsável.

Esta é uma Publicação de Acesso Aberto e, com exceção de imagens e ilustrações, o conteúdo pode, salvo indicação em contrário, ser reproduzido gratuitamente em qualquer formato ou meio, desde que seja assegurada a indicação da fonte, não podendo ser utilizado em contexto inadequado.

**CRÉDITOS DE IMAGEM**

© Shutterstock

**DATA DE PUBLICAÇÃO**

2022

---

~~HATE SPEECH~~

propaganda

racism

hate

ate speech

cy

HATE

LOSER

ALSE!

@\*!\$%

